

## MÚSICA

# Compondo via Internet

**Uma nova tentativa de integrar a classe musical cearense é apresentada ao público a partir de amanhã**

**P**ara a cearense Aparecida Silvino, o contato com compositores de outros estados, como Zé Rodrix, Sonekka e Zé Edu Camargo, representou mais do que contatos para troca de idéias e possibilidades de desenvolvimento de sua carreira musical. Através dessa convivência, a cantora, regente e pianista se descobriu compositora. Já com uma considerável trajetória como intérprete, surpreendeu-se ao passar a escrever suas próprias canções, com o estímulo e a parceria de co-autores de outros estados, via Internet.

"Conheço essa turma do Caiubi desde 2004 e mesmo antes, com a lista de discussão m-Música, em que entrei em 2001, quando tava fazendo o meu CD 'Presente'. As pessoas da lista acompanharam toda a produção do CD e vieram a Fortaleza assistir ao lançamento", recorda a cantora, que sobe ao palco do Bar do Papai amanhã, ao lado de Marcos Vinnie (teclado), Nélia Costa (baixo) e Ricardo Pontes (bateria) para a estréia da "Terça Autoral". "Eles me chamaram pra esse show exatamente porque os meus parceiros são todos caiubistas. Vou mostrar as minhas mû-



**APARECIDA SILVINO** e sua página no Clube Caiubi (abaixo): experiência junto a músicos de todo o país estimulou a musicista cearense às suas primeiras composições, em parcerias virtuais, que estarão em seu próximo CD FOTO: ADRIANA PIMENTEL

sicas, feitas com eles, que estou cantando em shows há dois anos e começando a gravar agora que finalmente meu projeto foi aprovado na Lei Rouanet".

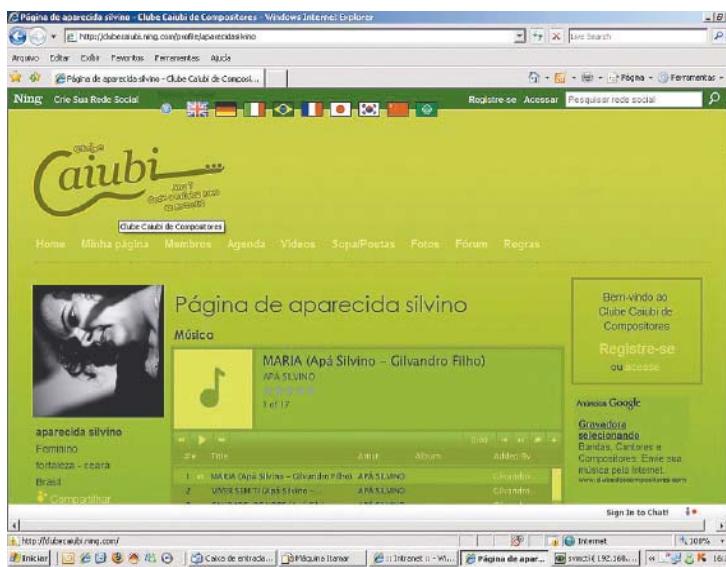
As canções já disponíveis na página da cantora no site do clube. A cantora destaca criações como "Curta a vida", parceria com Zé Edu Camargo, premiada no Festival de Inverno de Meruoca, e "Tempo", dela e de Sonekka - "uma música que vem se tornan-

do conhecida no Rio Grande do Sul, exclusivamente através da divulgação feita por amigos". Outros parceiros são os pernambucanos Gilvandro Filho e Conrado Falbo.

A cantora considera que a distância entre os parceiros não dificulta o processo de composição. "Em muitos sentidos, facilita. Inclusive pra guardar as músicas, que ficam salvas no e-mail, quando você manda", exemplifica. "Muitas vezes a música surge até a partir de conversas mesmo, como pelo MSN. Acontece muito com o Zé Edu Camargo, que pega a nossa conversa, faz uma letra e manda pra mim. E eu faço a música. Costumo fazer a melodia em cima da poesia, e geralmente fica tudo pronto, sem precisar de modificações".

#### Todo mundo no palco

Apá considera que o incentivo da rede à composição vai bem além da praticidade e da superação das distâncias. "A Internet democratizou a alma das pessoas. Hoje em dia todo mundo tem o que dizer, e tem sempre alguém pra ouvir", ressalta. "É uma coisa que o Zé Rodrix costuma dizer: o mundo vai virar um grande palco. Ninguém vai querer ser só platéia. Os vídeos de compositores do Brasil



inteiro, que a gente vê no site, são uma mostra disso".

A cantora destaca ainda a dimensão de democratização da produção musical, possibilitada por esse sistema de distribuição online. "Enquanto a globalização aparece na economia como um grande reino na Idade Média, com um imperador ditando regras e cobrando impostos, há os artistas financiados pelo rei, mas também há os outros. O artista do rei hoje tá na grande mídia, enquanto os outros são os independentes, que enfrentam dificuldades, mas saem pe-

lo mundo levando sua arte, como os antigos trovadores".

A união entre os artistas, ponto historicamente complicado no cenário musical cearense, é uma aposta da artista, a partir das "Terças Autorais". "O grande foco não é só atingir o público: é formar parceiros. Porque aqui no Ceará é difícil as pessoas se juntarem. Acho que o que o Caiubi vai trazer pro Ceará é essa união, um incentivo à coletividade, sem preocupações de mercado, e sim principalmente pelo prazer de fazer música". ■ (DM)

## ESPAÇO PARA O NOVO

Segundo o cantor e compositor Sonekka, de Santos, responsável pela administração do site do Clube Caiubi, o acesso mensal ao braço virtual do grupo gira em torno de 220 mil page views.

A manutenção de um site com volume tão alto de informações em áudio e vídeo é viabilizada, ressalta o compositor, em função da parceria com a rede Ning, de páginas de relacionamento social, que oferece 100 gigabytes de tráfego e 10 gigabytes de armazenamento. "Como a gente é o maior 'case' de música autoral do mundo, o site com a maior quantidade de músicas autorizadas pelos próprios compositores, temos uma ótima parceria com eles", afirma Sonekka.

O compositor resalta o objetivo coletivo e democrático do projeto. "A gente tá tentando agregar todo mundo. A ideia não é ser o descobridor da roda da música autoral, e sim encontrar quem está compondo com consistência, juntar todo mundo e fazer uma coisa forte. Enquanto as gravadoras ainda estão engatinhando na música online, o Caiubi já tá com um sistema de streaming de 8 mil músicas, postando até 100 músicas por compositor, muito mais do que outros sites".

Já a opção de download das músicas, segundo o administrador da página, poderá surgir, mas em uma próxima etapa. Por ora, as faixas em áudio e os vídeos podem ser executados, mas não baixados pelo internauta.

Atualmente, o site segue recebendo novos cadastros de interessados em manter suas páginas pessoais, disponibilizando suas músicas. Mas, como em outros sites de relacionamento, é preciso convite de um dos atuais integrantes.

## "TEMPO"

## (Sonekka e Aparecida Silvino)

A gente fica tanto tempo procurando, procurando Pra pra ver tudo o que conseguiu Vai tirando a poeira, lustrando, estocando Já nem sabe se é coisa ou sentimento

Hoje eu sei que nada disso é meu Nem seu, nem de ninguém Nem terra, nem carro, nem livro, nem abraço Nada é seu nem de ninguém

A gente fica tanto tempo jogando fora o tempo,

Pra ver tudo o que já não tem Vai curando os buracos, cerzindo as arestas fica certo de que não é certeza alguma

Hoje eu sei que nada disso sou eu Nem é você, nem é ninguém Nem terra, nem sarro, nem lixo, nem amasso Não é você, nem é ninguém Dentro de nós, há todo um mundo Além de nós, há todo um mundo Existe eu, fora você Existe você, por dentro eu

se. Vocês...", sustentados basicamente pelas presenças de Tony Ramos e Glória Pires, nomes consagrados pela televisão.

O lançamento "Divã" mostra mais uma vez que tal filão também é viável no cinema nacional. Baseado em uma peça teatral homônima, por sua vez inspirada em um livro de Martha Medeiros, o filme só existe em função da protagonista, Lília Cabral, uma das atrizes, atualmente, mais respeitadas pela crítica e aplaudida pelo público. Tentando aproveitar o êxito da intérprete, "Divã" tenta, assim, chamar a atenção de um público bem genérico, acostumado a ver Cabral nas telinhas.

## Falta de habilidade

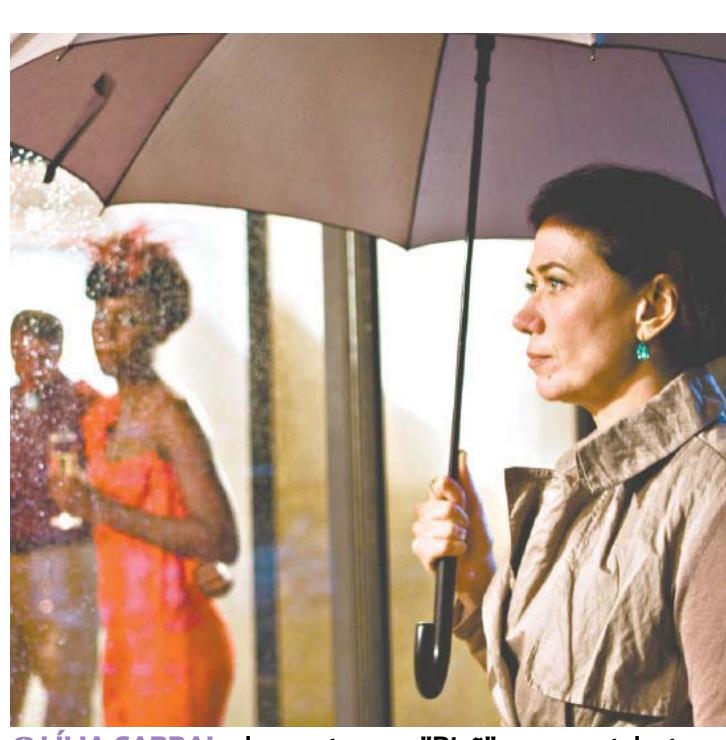
Mas, apesar da presença da atriz, "Divã" é um verdadeiro equívoco cinematográfico, comprovando que, quando querem, alguns "cinasteas" nacionais sabem fazer merda. O culpado de "Divã" ser tão ruim quanto é recai, então, nos ombros nada habilidosos de José Alvarenga Jr., diretor mais afeito à televisão que não entende bulhufas de linguagem cinemató-

gráfica (responsável, entre outros, por filmes dos Trapalhões, Xuxa e a versão cinematográfica do seriado "Os Normais"). Gracias à falta de sutileza do rapaz, o que no papel já deixa a desejar, quando traduzido para imagens e sons, resulta ainda pior.

A não ser pela dedicação de Lília Cabral, "Divã" é um amontoado de clichês. Alvarenga até tenta fugir da vocação teatral do texto, mas ele mergulha o filme em recursos cinematográficos óbvios e utilizados de maneira equivocada (uma piegas narração em off, flashbacks totalmente desnecessários, trilha sonora fora do lugar e closes que apelam para uma dramatização já explícita) e constrói várias cenas constrangedoras. O resultado é um longa sem ritmo conduzido por um didaticismo que demonstra a inabilidade do diretor para comandar um produto audiovisual com verniz cinematográfico.

## Atriz e talento

O filme se limita, então, a se sustentar apenas no texto e na interpretação de Lília Cabral. O problema é que nem o texto se salva.



**LÍLIA CABRAL** demonstra, em "Divã", que seu talento não se limita à televisão e ao teatro, mas não salva o filme

Inundado por frases de efeito e situações piegas, "Divã" é o que podemos chamar de arremedo de narrativa, costurada a partir das sessões de terapia da protagonista. A pobreza do roteiro transforma várias situações do filme em mero joguete para a criação de piadas visuais sem graça, sendo o ápice a cena da boate. O mesmo

pode ser dito sobre alguns personagens, introduzidos ou despedidos sem o menor critério de acordo com a necessidade do roteiro (Cauã Reymond e Reynaldo Gianecchini aparecem só para mostrar o quanto são bonitos).

Então nada se salva em "Divã"? Quase isso. A tirar pela presença de Lília Cabral, que interpreta Mercedes, uma mulher de 40 e muitos anos presa

à rotina de um casamento que está perdendo o fôlego, o filme afunda. É ela que dá vida a um roteiro superficial e esquemático e busca criar uma identificação com o público ao retratar com delicadeza uma personagem que custa a assumir seu sofrimento. É o talento e o carisma da atriz (lutando com todas as armas para se sobressair em meio a um texto pobre), que fazem com que frases feitas ganhem algum sentido.

Mas como um filme não se faz apenas com uma interpretação, "Divã" é o típico produto que agrada apenas aqueles que se contentam com pouco, ou seja, o mesmo público que está acostumado a ver a mesma novela desde sempre e nunca reclamar. Cinematograficamente pobre, "Divã" é o programa ideal para os analfabetos audiovisuais. Já ara quem gosta de cinema de verdade, é puro lixo. ■

• Mais informações: "Divã" (BRA, 2009). Direção: José Alvarenga Jr. Com Lília Cabral, José Mayer, Alexandra Richter, Cauã Reymond, Reynaldo Gianecchini. Confira salas e horários de exibição no Zeeira.

• Comente cadero3@diariodonorte.com.br

## CINEMA/CRÍTICA

# Terapia de clichês

**Adaptação de uma peça teatral, "Divã" apostava no talento da atriz Lília Cabral para compensar um roteiro recheado de clichês e uma direção amadora**

FÁBIO FREIRE  
Repórter

**H**ollywood não se cansa de produzir filmes que funcionem como veículo para seus astros brilharem e mostrarem todo seu potencial dramático. O cinema nacional, por outro lado, ainda não aderiu totalmente à estratégia, e a maioria das produções atrai o público em função do tema social, do respaldo dos diretores ou da junção de vários rostos conhecidos. Poucos exploram a idéia de um longa carregado apenas pelo carisma e talento de um ator. Uma exceção, talvez, seja o sucesso dos dois "E Se Eu fos-

se. Vocês...", sustentados basicamente pelas presenças de Tony Ramos e Glória Pires, nomes consagrados pela televisão.

O lançamento "Divã" mostra mais uma vez que tal filão também é viável no cinema nacional. Baseado em uma peça teatral homônima, por sua vez inspirada em um livro de Martha Medeiros, o filme só existe em função da protagonista, Lília Cabral, uma das atrizes, atualmente, mais respeitadas pela crítica e aplaudida pelo público. Tentando aproveitar o êxito da intérprete, "Divã" tenta, assim, chamar a atenção de um público bem genérico, acostumado a ver Cabral nas telinhas.

## Falta de habilidade

Mas, apesar da presença da atriz, "Divã" é um verdadeiro equívoco cinematográfico, comprovando que, quando querem, alguns "cinasteas" nacionais sabem fazer merda. O culpado de "Divã" ser tão ruim quanto é recai, então, nos ombros nada habilidosos de José Alvarenga Jr., diretor mais afeito à televisão que não entende bulhufas de linguagem cinemató-

gráfica (responsável, entre outros, por filmes dos Trapalhões, Xuxa e a versão cinematográfica do seriado "Os Normais"). Gracias à falta de sutileza do rapaz, o que no papel já deixa a desejar, quando traduzido para imagens e sons, resulta ainda pior.

A não ser pela dedicação de Lília Cabral, "Divã" é um amontoado de clichês. Alvarenga até tenta fugir da vocação teatral do texto, mas ele mergulha o filme em recursos cinematográficos óbvios e utilizados de maneira equivocada (uma piegas narração em off, flashbacks totalmente desnecessários, trilha sonora fora do lugar e closes que apelam para uma dramatização já explícita) e constrói várias cenas constrangedoras. O resultado é um longa sem ritmo conduzido por um didaticismo que demonstra a inabilidade do diretor para comandar um produto audiovisual com verniz cinematográfico.

Atriz e talento

O filme se limita, então, a se sustentar apenas no texto e na interpretação de Lília Cabral. O problema é que nem o texto se salva.